

# Por uma Didática da Notícia. Experiência extraclasse na construção de Grande Reportagem.<sup>1</sup>

Thaís de Mendonça Jorge<sup>2</sup>

## Resumo

O projeto pedagógico se refere à disciplina de *Técnicas de Jornalismo*, na qual se propõe uma forma de ensino ativo e se narra a experiência extraclasse feita com alunos da Universidade de Brasília, num trabalho de Grande Reportagem realizado semestralmente. O que se pretende é chegar a uma Didática da Notícia, a partir dos conceitos da pedagogia moderna, adotando inclusive os princípios de Paulo Freire e sua pedagogia da autonomia. A proposta se enquadra na perspectiva teórica do construcionismo. Entende, portanto, a notícia como construção e tem como meta envolver as turmas de disciplinas técnicas em Jornalismo no processo de planejamento e confecção de reportagens fora da sala de aula. Durante esse projeto pedagógico de uma disciplina técnica, alunos e professor são incentivados a trabalhar juntos e atuar em estreita cooperação, na certeza de que isso é essencial à democracia e à formação da cidadania. O resultado pretendido vai além do aprendizado da linguagem jornalística, com exercícios seqüenciados e graduados de acordo com o nível de

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao GT Projetos Pedagógicos do 9º. Fórum Nacional de Professores de Jornalismo. Campos (RJ), 2006.

<sup>2</sup> Professora do curso de Jornalismo, Faculdade de Comunicação (FAC), Universidade de Brasília, e doutoranda em Comunicação no Programa de Pós-Graduação (PPG) da FAC. Jornalista profissional com vasta experiência, tem também atuação na área de assessoria de imprensa e como consultora na área de Jornalismo e Comunicação Empresarial. Atualmente, dedica-se a pesquisas relacionadas à interface do Jornalismo com as novas tecnologias da informação e das comunicações, na linha “Jornalismo e sociedade” do PPG-FAC.

JORGE, Thaís Mendonça. Por uma Didática da Notícia. Experiência extraclasse na construção de Grande Reportagem. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, Brasília, v.1, n.1, p.63-86, abr./jul. 2007. Disponível em: <http://www.fnpj.org.br/rebej/ojs/viewissue.php?id=6>

dificuldades do programa: o que se quer é formar repórteres-cidadãos.

**Palavras-chave:** Ensino. Didática. Técnica de redação. Jornalismo. Notícia. Reportagem.

**E**ste trabalho é uma proposta relacionada à forma de ensinar redação jornalística ou como construir a notícia com alunos, principalmente em atividades extraclasse. É também uma proposta de programa mínimo para as disciplinas de *Técnicas de Jornalismo*, *Técnicas de Redação* ou *Técnicas de Reportagem*, a partir da experiência da Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília. Trata-se, igualmente, de uma tentativa de estabelecer um marco teórico pedagógico para esta experiência, assim como uma forma de criticá-la e depurá-la.

Desde o ano de 2000, a cada semestre, as turmas de *Técnicas de Jornalismo* da UnB produzem reportagens em conjunto, como uma atividade inserida no programa. A divisão do conteúdo em unidades, a partir da ementa estipulada pelo currículo, atinge seu ápice com o planejamento, organização e apresentação de uma pequena viagem dos estudantes a bairros ou locais perto da capital, onde eles se dividem nas tarefas de apuração das pautas, e compõem uma Grande Reportagem. A Grande Reportagem produzida pelos alunos, acompanhada, supervisionada e revisada pelo professor da disciplina, geralmente é publicada no site da FAC.

Os resultados costumam ser profícuos, tanto para o professor quanto para a turma. Além de congregar, integrar e desenvolver habilidades relacionadas à futura profissão, o trabalho em equipe abre a janela do mundo para os estudantes de jornalismo, muitos deles iniciantes na vida social fora de casa. Coloca-os frente a frente com os primeiros desafios éticos e profissionais, com as primeiras dificuldades e barreiras à liberdade de expressão e ao direito de informar.

A hipótese deste trabalho é a de que esta experiência pode ser aplicada a outros cursos de Comunicação e a outras turmas de técnicas ou linguagem jornalística, com a perspectiva de a atividade constituir-se num projeto pedagógico a ser aperfeiçoado. Segundo a moderna didática, esse tipo de treinamento enquadra-se no processo ativo de aprendizagem, que prega logo cedo a iniciação dos alunos na produtividade e exige trabalhos pessoais deles como uma maneira de aprender por conta própria. Já Paulo Freire (2005, p.59) apontava que “o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros”.

## O tamanho da janela

“A notícia é uma janela para o mundo.” Assim Gaye Tuchman abre seu livro *A construção da notícia* (Tuchman, 1983, p. 9).

Entretanto, como marco ou moldura, continua Tuchman, depende se a janela é grande ou pequena e se a vidraça é ou não transparente. As rotinas produtivas configuram os conteúdos da informação e as notícias, como aberturas para o mundo, indicam como devemos observar e interpretar a realidade. Quatro aspectos desse processo de construção da realidade são destacados, a partir de Tuchman (1983, p. 223-4): a) as empresas jornalísticas distribuem os profissionais segundo áreas geográficas; b) critérios de noticiabilidade e hierarquização das fontes fazem parte da rotina dos jornalistas; eles definem o que é notícia; c) o processo é seletivo e aponta formas de ver a realidade; d) a notícia é uma realidade construída e uma forma de conhecimento.

Altheide e Snow (1979, apud Sousa, 2000, p.145-160) destacam que as notícias são conformadas segundo determinados formatos que se converteriam, segundo a lógica da mídia, em esquemas utilizados para compreender, apresentar e interpretar a realidade. Molotch e Lester (1974, apud Sousa, 2000, p.145-160) pensam que os conteúdos fornecidos pelas fontes, que o jornalista edita e difunde, transformam-se em conhecimento social e em referencial a partir de seu consumo. Assim, os acontecimentos decorreriam da relação dessas três instâncias: os promotores de notícias (*news promoters*), os fabricantes de notícias (*news assemblers*) e os consumidores de notícias (*news consumers*).

Para fins deste trabalho, preferimos ver a notícia dentro da ótica etno-construcionista de Berger e Luckman, como: a) Produto

das rotinas do jornalista; e b) Constructo. Construtivistas são ainda Molotch e Lester, para quem notícias não são um espelho da realidade – são criação. A notícia vista como constructo também tem a ver com seu processo de elaboração como um bem simbólico, destinado ao consumo universal. “A notícia é, inevitavelmente, um produto dos informadores que atuam dentro de processos institucionais e de conformidade com práticas institucionais”, lembra Tuchman, ressaltando:

A visão através da janela depende se a janela é grande ou pequena. Se tem muitos ou poucos vidros, se o vidro é opaco ou claro, se a janela dá para a rua ou para um pátio. (Tuchman, 1983, p.13)

Nos cursos de Jornalismo, aprendemos o que é notícia, qual o seu formato, de que maneira ela se enquadra entre os gêneros jornalísticos, a linguagem jornalística apropriada. Isso quer dizer que a fórmula mais usual de apresentação do relato noticioso no mundo ocidental – a pirâmide invertida –, assim como os princípios do lide e os critérios de seleção dos acontecimentos (valores-notícia) precisam ser internalizados pelos estudantes. A notícia se torna, pois, fruto de uma técnica aprendida, que os futuros profissionais vão testar no mercado.

Seja com o nome de *Técnicas de Redação*, seja como *Redação em Jornalismo*, *Linguagem* ou *Técnicas Jornalísticas*, o que se procura é ensinar os processos de apuração, escolha e tratamento dos fatos, com o objetivo de transformá-los em produto,

dentro das rotinas profissionais, adotando-se um modelo – o da pirâmide invertida. Não é tarefa fácil. Tentativas de sistematizar o trabalho jornalístico vêm desde o *Diário Carioca*, onde Pompeu de Souza (1992) escreveu o primeiro *Style Book* da imprensa brasileira, em 1950.

Influenciadas em maior grau, desde a origem, pelos Estados Unidos, as redações no Brasil assumiram o vocabulário, o modo de fazer e de editar as notícias, e até a organização interna do jornalismo norte-americano. Portanto, o que transmitimos nos cursos nacionais de Jornalismo é o que aprendemos, herdamos, assimilamos e adaptamos do primeiro livro de “Regras de Redação” do *Diário Carioca*, de manuais como o de Hohenberg<sup>3</sup> e clássicos como os de Amaral – *Jornalismo, matéria de primeira página e Técnica de Jornal e Periódico* –, enquanto os valores-notícia nos vêm por Wolf (2003, p.202) e a crítica da pirâmide e da ideologia da objetividade por Adelmo Genro Filho (1989, p.183).

Um problema se coloca desde o início das escolas de Jornalismo: se a notícia é um constructo, ou seja, uma realidade criada, como planificar esta arquitetura e levar até sua construção? Sem querer avançar pela análise de currículo dos cursos, vemos que a maioria procura, após o ciclo básico – durante o qual o aluno tem contato com disciplinas formadoras, a exemplo de *Introdução à Comunicação e ao Jornalismo*, à *Sociologia*, à *Fotografia* –, entrar nas matérias específicas da Habilitação em Jornalismo, onde se inserem as disciplinas técnicas.

<sup>3</sup> HOHENBERG, John. **Manual de Jornalismo**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1962. JORGE, Thaís Mendonça. Por uma Didática da Notícia. Experiência extraclasse na construção de Grande Reportagem. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, Brasília, v.1, n.1, p.63-86, abr./jul. 2007. Disponível em: <http://www.fnpj.org.br/rebej/ojs/viewissue.php?id=6>

Na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, o novo currículo colocou *Técnicas de Jornalismo* correspondendo ao sexto semestre, como primeira disciplina ligada ao ambiente profissional. Os alunos chegam, depois de passar por *Oficina de Texto* – onde aprendem a soltar o português, treinando vários estilos –, sem experiência anterior em redação jornalística, muitos com pouca leitura e com vaga idéia do que seja o dia-a-dia da profissão. Como não poderia deixar de acontecer, têm idéias difusas sobre o trabalho do repórter, quando não fantasiam um nirvana de oportunidades e de satisfação financeira.

### **Didática geral e didática da notícia**

Didática é a parte da pedagogia que descreve, explica e fundamenta os métodos mais adequados para conduzir o aluno no processo de aquisição de hábitos, técnicas e conhecimento ou, em outras palavras, no processo de formação dele como indivíduo e cidadão. Ensinar (do latim *insignare* – sinalizar, assinalar) e aprender (do latim *apprehendere*, perceber, captar) são as duas faces desse processo, cujo melhor método prescreve o acompanhamento do aluno em atividade. A nova escola é taxativamente contra a idéia de que ensinar seja transmitir conhecimento. Significa, ao contrário, “criar possibilidades para a sua produção ou construção” (Freire, 2005, p.22).

Segundo um dos grandes clássicos da pedagogia universal, Francisco Larroyo, “trata-se de ensinar ao educando maneiras de aprender por conta própria, vale dizer, métodos que lhe permitam enriquecer ilimitadamente seu saber”. O conceito tradicional de ensino valorizava a passividade: aprender era decorar. Hoje, de acordo com Ibarra Perez (1965, p.85), “aprender uma coisa nova é nada menos que vivê-la”. Ele prega que a técnica, para ser eficiente, necessita penetrar nas experiências reais do aluno. “O estudante aprende o que vive, e o que aprende dessa maneira transforma em conduta.”

A aprendizagem tem suas próprias leis, que devem conduzir a um aprendizado eficiente e poderiam ser resumidas em: 1) Lei da preparação: o estudante não pode aprender algo se não está preparado para isso. Conhecimentos e habilidades prévias incluem tarefas escritas, trabalhos de laboratório, práticas profissionais, investigação; 2) Lei da finalidade: o conhecimento, pelo aluno, do sentido do processo, conjugando atenção e intenção. “O educando deve compreender o que se quer ensinar” (Larroyo, 1964, p.94; Ibarra, 1965, p.87); 3) Lei do exercício ativo: “Cada ato executado tende a ser realizado mais fácil e espontaneamente na medida em que sua execução se repete. A habilidade se adquire por exercício” (Larroyo, 1964, p.96); 4) Lei do efeito: a auto-atividade é o caminho para aprender e deve conduzir à satisfação do aluno; 5) Lei do ritmo ou da periodicidade: a aprendizagem (como a vida) precisa de pausas.

Larroyo é um dos defensores da aprendizagem ativa, cujo princípio maior é o da ação e trabalho.

O aluno que experimenta e aprende faz o mesmo que o sábio que investiga: tem um fim que deseja alcançar; segue um mesmo caminho (indutivo, dedutivo, analógico, etc.); emprega os procedimentos naturais idênticos aos de quem trabalha em investigação (observação, análise, síntese); põe em atividade as mesmas capacidades para adquirir, elaborar e expressar; comprova, reage a motivos que o impulsionam a aprender; obtém resultados. (Larroyo, 1964, p.123)

Porém, esse tipo de método tem alguns pressupostos, que seriam: a) autoatividade; b) autoformação; c) reconhecimento da personalidade do aluno; d) atividade múltipla e e) atividade funcional. Ou seja, o aluno deve estar motivado e propenso a realizar um exercício por ele mesmo; necessita estar imbuído do espírito de que ele se forma a si mesmo, ao longo do processo; deve-se atentar para as diferenças individuais; a atividade precisa ser diversificada e oferecer alternativas, além de ter uma funcionalidade que o estudante possa perceber. Freire (2005, p.26) acrescenta que “essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes”.

Tomando as idéias de Freire, Ibarra Pérez, Larroyo e Backheuser (1964, p.217, 278) como fios condutores, acreditamos ser possível desenvolver uma Didática da Notícia ou um projeto

JORGE, Thaís Mendonça. Por uma Didática da Notícia. Experiência extraclasse na construção de Grande Reportagem. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, Brasília, v.1, n.1, p.63-86, abr./jul. 2007. Disponível em: <http://www.fnpi.org.br/rebej/ojs/viewissue.php?id=6>



pedagógico para o ensino das técnicas fundamentais ligadas ao principal produto do jornalismo. Um programa básico poderia ser desenvolvido a partir de uma série de exercícios seqüenciados de apuração e redação de notícias, realizados primeiro dentro da sala de aula, sobre temas do cotidiano dos alunos – por exemplo, a casa, a família, a rua, o bairro – em seguida, a escola onde estudam e, por último, uma experiência conjunta em um local distante. No programa de *Técnicas de Jornalismo* testado na FAC/ UnB, uma das propostas é sair da classe e ir para a rua com os alunos, motivando-os a trabalhar em conjunto várias pautas que comporão uma Grande Reportagem. Como veremos, isso será feito ao final do programa, após o estudo das unidades, também seqüenciadas.

A partir de objetivos reais, a organização do programa da disciplina e o planejamento da série de experiências de aprendizagem são instrumentos que oferecem uma situação favorável à atividade pedagógica. Ao mesmo tempo, esse plano ajuda a promover equilíbrio e auxiliar na seleção de materiais para as aulas, partindo primeiro do ambiente imediato dos alunos, mais tarde de lugares e fatos distantes no tempo e no espaço, para chegar, enfim, ao exercício compartilhado que redundará na publicação em meio eletrônico ou qualquer outro. Em experiências anteriores, por contingenciamentos econômicos, o material resultando do trabalho dos alunos foi publicado em jornal mural e no formato A4, em cópias xérox, o que em nada desmerece o esforço empreendido.

## Ementa e programa

A ementa prevista pelo novo currículo para a disciplina Técnicas de Jornalismo na UnB, com quatro créditos, estabelece os pontos que o professor deve abordar: “A estrutura de funcionamento dos diversos veículos – jornal, revista, rádio, televisão, serviços online e publicações especializadas. A prática da reportagem, entrevista, redação e edição. As diferenças e análise comparativa entre os diversos meios”. Daí são tirados os objetivos: 1) Capacitar os alunos para as atividades básicas no exercício da profissão, quais sejam: apurar, reportar, escrever; 2) desenvolver habilidades que permitam o uso da técnica de entrevistas, em diversas situações; 3) incentivar a prática da redação jornalística, oferecendo oportunidades de treinamento em textos voltados para os meios de comunicação de massa e para as várias formas de atuação de um profissional multimídia; 4) discutir aspectos filosóficos, éticos e políticos da produção jornalística atual.

O programa está dividido em cinco unidades didáticas. Buscou-se uma gradação de assuntos, que levaria os alunos à crescente familiaridade com os temas relacionados à linguagem e à prática jornalística. Tendo em mente as leis da aprendizagem – Lei da preparação, da finalidade, do exercício ativo, do efeito, e do ritmo ou da periodicidade – o currículo da disciplina se desenvolve em paralelo a outras atividades, como a própria organização da excursão

extraclasse. As unidades são: (A) Introdução – Como ler o jornal; o jornal impresso como base do jornalismo contemporâneo; estrutura do jornal-empresa; a notícia no jornalismo. (B) História da imprensa – origem dos gêneros opinativo, informativo, interpretativo e investigativo. (C) Notícia – definições; noção intuitiva de notícia; notícia e ideologia; a notícia no rádio, na televisão, no jornal e na internet; valores-notícia; pauta. (D) Estrutura da notícia: pirâmide invertida; lide e sublide; desenvolvendo a matéria; o texto jornalístico, qualidades, tipos; Normas de Redação; (E) O repórter – apuração; técnicas de investigação; recursos de apuração e pesquisa; o furo; entrevista; técnicas; fontes.

Não apenas a avaliação se dá por meio de exercícios, como também, a cada unidade, o professor tem a chance de se aproximar da turma e propor atividades coletivas. Desde o primeiro dia de aula, portanto, a opção é pelo método ativo. Em vez de o professor fazer o reconhecimento dos estudantes, perguntando a cada um o nome e seus principais objetivos ao escolher o Jornalismo, começa-se com a prática de entrevista. Sugere-se ao grupo que se divida dois a dois e um aluno entrevista o outro. O tempo é delimitado pelo professor e, ao final, cada dupla fala do colega para toda a turma. Com esse exercício, já é possível dar alguma orientação sobre a técnica de realizar entrevistas, como por exemplo: a entrevista deve ser preparada previamente; a técnica surte melhor efeito quando o entrevistador conhece o entrevistado; alguns entrevistados podem ser tímidos ou evasivos; entrevista é “o diálogo possível” (Medina,

1986, p.12-20); é preciso olhar nos olhos do entrevistado e captar-lhe as palavras e o pensamento, e assim por diante.

A primeira tarefa neste programa será aprender a ler o jornal de papel e vencer resistências em relação a esse veículo. Chama-se a atenção para a importância do suporte físico e sua incorporação à rotina do jornalista. Escreve melhor quem lê mais. Escreve melhor para a mídia quem está acostumado à linguagem da mídia e está acostumado a identificar formatos, linguagens e até a ideologia do produto. E o jornal é o meio tradicional de obtenção de notícias, com várias vantagens em relação à internet, pois permite guardar e recorrer aos arquivos com facilidade, transportar e analisar com mais demora e atenção os detalhes de cada notícia, o que, no caso dos estudantes, é fundamental. Na ocasião em que mostra como se lê o jornal de papel, o educador – como quer Paulo Freire – discorrerá sobre a história da imprensa, mostrando por que, quando e como o periódico adquiriu a forma gráfica conhecida hoje e quais as implicações disso em nossa vida (Jorge, 2004).

Os exercícios seguintes, conseqüentemente, partem do campo de visão e atuação dos alunos. Na terceira unidade (A notícia) já é dada uma tarefa simples de apuração como, por exemplo, descobrir uma notícia no bairro ou na própria rua. Nada será escrito, por enquanto, embora se incentive desde o início o emprego do bloquinho e da caneta: mesmo que se utilizem outros recursos de apuração (câmera, gravador), todo jornalista tem por hábito tomar notas. As anotações dos repórteres são uma garantia contra falhas

tecnológicas ou humanas e, ao contrário do que os alunos pensam, acelera o trabalho de redação. Ao voltar à sala de aula, os alunos reportarão o que obtiveram nesta primeira investigação e o professor terá a oportunidade de introduzir o próximo assunto – valores-notícia, de acordo com os assuntos trazidos.

Como as unidades não são estanques, é possível mesclar elementos de umas com as outras. Se o professor sentir um grande interesse (ou uma dificuldade) do grupo em relação a entrevistas, poderá programar uma espécie de *entrevista coletiva* em classe: chamará um personagem da escola, funcionário da secretaria, um professor, um jardineiro, a responsável pela lanchonete para conversar com os alunos. Desta maneira, mostrará que qualquer pessoa e qualquer tema podem se tornar interessantes se há um olhar voltado para ele e, ao mesmo tempo, como as histórias humanas são temas que agregam fortes valores-notícia. As noções de teoria da notícia e do jornalismo são assim iniciadas da maneira mais natural e palatável aos alunos.

## **A Grande Reportagem**

O trabalho final do curso de *Técnicas de Jornalismo* na UnB é uma Grande Reportagem (GR), pautada e executada em conjunto pela turma. Para chegar a esta culminância, os estudantes já terão cumprido uma série de exercícios – pelo menos um para cada unidade. Poderão ainda fazer um pequeno treino com a presença do

professor, escolhendo um local dentro da escola para apurar. Nesse dia, irão todos para um determinado espaço, que pode ser o pátio de recreio ou a quadra de esportes e, sozinhos ou em duplas, sairão à cata de notícias. O professor ficará de plantão para as dúvidas e para redirecionar as pautas ou incentivar aqueles menos animados.

O trabalho de realização de uma Grande Reportagem em outra cidade (ou em um bairro) pressupõe etapas que são desenroladas em paralelo ao programa. Tudo começa no primeiro dia de aula, com a conscientização dos estudantes de que aquela será a tarefa mais importante e de peso mais alto na avaliação geral. No mesmo momento em que o professor apresenta os itens do programa, ele fala dos objetivos da “viagem de estudos”, dos possíveis locais ou temas que ela pode focar e da necessidade de se planejar bem, com envolvimento de toda a turma. No caso da Universidade de Brasília, esse trabalho extraclasse começou com uma visita a um bairro, a Vila Planalto<sup>4</sup>, lugar de pioneiros, e teve tanto êxito que se tornou uma atividade de todos os semestres.

Um dos cuidados que o professor deve ter, ao agendar uma excursão com estudantes, é que a viagem de estudos – conceito mais adequado a esse tipo de exercício – não degenera em passeio. Para evitar que isso aconteça, todas as etapas são meticulosamente acordadas com os alunos. Os objetivos específicos desse tipo de exercício seriam: 1) proporcionar oportunidades para a aprendizagem por ação e pelo trabalho, levando os estudantes à

<sup>4</sup> Até 2004, as sucessivas turmas de Técnicas de Jornalismo da UnB fizeram grandes reportagens nos seguintes lugares: Pirenópolis, GO (duas vezes); Chapada dos Veadeiros/ São Jorge, GO (duas vezes); Goiás Velho, GO; Rio Verde, GO; Planaltina, GO; Patos de Minas, MG, JORGE, Thaís Mendonça. Por uma Didática da Notícia. Experiência extraclasse na construção de Grande Reportagem. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, Brasília, v.1, n.1, p.63-86, abr./jul. 2007. Disponível em: <http://www.fnj.org.br/rebej/ojs/viewissue.php?id=6>

iniciação na produtividade, uma necessidade dos dias atuais; 2) fazer com que os estudantes se conheçam e construam uma atmosfera de compreensão e confiança entre si; 3) desenvolver o espírito de observação, a atenção e a capacidade de expressão e comunicação; 4) ampliar os horizontes, desenvolver habilidades técnicas para a seleção de fatos noticiosos, para a tomada de decisões e para a realização de entrevistas; 5) praticar no próprio ambiente real; 6) praticar a liberdade, a cidadania e a autonomia no contato com a sociedade.

Lembrando o que diz Tuchman, o exercício de Grande Reportagem simula o ambiente em que “determinadas áreas geográficas e determinadas instituições são privilegiadas pelas organizações jornalísticas, que distribuem sua rede de profissionais para cobri-las”; os alunos têm contato direto com “os critérios de noticiabilidade e a hierarquização das fontes e das notícias [que] compõem a rotina dos jornalistas” e aprendem a definir “o que é ou não digno de ser noticiado”; e quais são os principais valores-notícia que farão do assunto uma notícia.

## **Etapas da Grande Reportagem**

Entende-se *Grande Reportagem* como o trabalho conjunto de um corpo de repórteres em torno de um mesmo tema, mas dividindo-se em várias pautas na intenção de cobrir os aspectos

diversos de um assunto. Os assuntos não precisam ser necessariamente viagens; entretanto, deve-se focar um tópico. Exemplo: um lugar, como o Congresso Nacional (a Assembléia Legislativa ou a Câmara de Vereadores), daria excelentes pautas. Na turma de *Técnicas*, uma outra vez, a votação recaiu sobre um centro de diversões de Brasília, o enorme prédio do Conic. Entretanto, os estudantes vêm preferindo a oportunidade de sair da cidade.

O plano para a GR envolve as fases de preparo, desenvolvimento e aplicação que, no caso específico da disciplina *Técnicas de Jornalismo*, são: 1) Pauta; 2) Apuração; 3) Redação; 4) Publicação. Já nas aulas iniciais começa a ser pensado o trabalho final, que é a GR feita por toda a turma. Aos alunos é solicitado que tragam material (mapas, guias, folhetos, informações da internet) sobre os lugares que gostariam de visitar. Mais tarde, faz-se a eleição do local, levando-se em conta fatores importantes: custos, distância, facilidade de transporte e de acomodação, e a quantidade possível de pautas.

**1) Pauta** – A avaliação sobre este item é do professor, pois a turma não vai, de maneira nenhuma, fazer um passeio e cada um deve seguir uma pauta individual (ou, no máximo, em duplas) escrita. Também aqui, a aula sobre o tema Pauta (Unidade C) já terá apresentado vários exemplos aos alunos e eles terão feito exercícios de pauta antes, com outros assuntos. No caso da viagem, se não houver uma riqueza de temas a ser explorados, é preferível escolher outro lugar. A fim de definir esses tópicos e ampliar os

conhecimentos prévios sobre o local, pode ser convocada uma entrevista *coletiva* com uma fonte apontada pela turma e que detenha informações sobre algum aspecto do local escolhido. Isso significa mais um treino para a GR. O preparo engloba ainda a marcação de entrevistas (geralmente com autoridades locais); reserva de hotéis e transporte. A reunião de pauta seria uma oportunidade valorizada por Freire:

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência com as pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade? (2005, p.30)

**2) Apuração** – Nesta segunda fase, quando os alunos vão formar um só corpo de repórteres, dedicados a um trabalho específico, a idéia é apurar tudo o que for possível de ser transformado em notícia. Um resumo das pautas é feito pelo professor e distribuído na véspera da viagem, para ciência de todos. No dia da viagem, o professor apresenta o calendário da atividade, que engloba desde recomendações sobre trajés (por exemplo, não usar bermuda, decotes acentuados nem miniblusas) até os horários de partida e chegada, bem como as reuniões programadas. Nas

viagens realizadas com a turma de Técnicas de Jornalismo da FAC, antes da saída, os repórteres ouvem sugestões de como agir e se portar diante dos entrevistados, sobre respeito com as fontes e a importância do exercício para todos. O professor fica de plantão num lugar determinado para resolver problemas, incentivar, redirecionar e coordenar as fotos ou acompanha os alunos-repórteres nas coberturas mais difíceis. São feitas pelo menos duas reuniões: uma, na manhã do dia combinado, para lembrar todas as pautas e as tarefas de cada um, a fim de que o grupo tenha ciência dos assuntos e possa se ajudar mutuamente. Mais tarde é feita a reunião do “jornal falado”, como veremos.

O trabalho de apuração costuma ter um intervalo antes da hora do almoço. É a hora do “jornal falado”, quando os alunos dão conta de suas primeiras entrevistas, do que conseguiram ou não, indagam e escutam, trocam idéias e informação sobre a apuração. A refeição também é coletiva, para que a turma tenha mais contato entre si e com o professor. No final do dia, o professor fará um novo repasse das informações obtidas (pode ser com um grupo menor, caso outros já tenham terminado a apuração ou esteja envolvido com as entrevistas que se delongaram). Pedirá novos dados ou mais afinco no trabalho, e apontará o que necessita ser detalhado ou mais pesquisado nos dias seguintes. As viagens são normalmente nos fins de semana, mas ao final da apuração sempre sobra um tempo para a confraternização da turma.

**3) Redação** – Já de volta à sala de aula, haverá um segundo jornal falado, para combinar os enfoques e os lides das matérias que serão redigidas a seguir. Por esse tempo, o professor poderá fazer com que a aula coincida com o tópico “Qualidades do texto jornalístico” ou “Normas de redação” (Unidade D), a fim de que os alunos tenham a preocupação de, ao escrever, adequar-se às exigências do jornalismo moderno. Todas as matérias feitas em conjunto pelos alunos comporão uma Grande Reportagem sobre um determinado lugar. Elas serão corrigidas pelo professor, discutidas individualmente e devolvidas a cada estudante, para que faça os acertos e complementações.

**4) Publicação** – Publicar é o grande desafio de uma disciplina estruturada desta maneira, pois o período de aulas geralmente é insuficiente para isso. Entretanto, todos os estudantes desejam ver o trabalho coletivo estampado em algum meio. O ideal seria que esta disciplina tivesse mais créditos e fosse dada em bloco com outras: *Fotografia* e *Projeto Gráfico* ou, na UnB, *Campus Online* (jornal-laboratório eletrônico), *Fotojornalismo* e *Radiojornalismo* para que disciplinas afins se integrassem a este projeto pedagógico.

## Conclusões

Segundo Stuart Hall (apud Sousa, 2000, p.155), as funções sociais dos meios de comunicação poderiam ser condensadas na seguinte premissa: [eles contribuem para] a construção seletiva do conhecimento social por meio do qual percebemos o mundo e de onde partimos para a organização da vida num mundo global inteligível. Nesse sentido, Hall também vê a notícia como realidade construída e forma de conhecimento. No trabalho de Grande Reportagem, bem como ao longo do programa de Técnicas de Jornalismo proposto, os alunos, atuando como *news assemblers*, estão construindo a notícia, juntando elementos para compreender, apresentar e interpretar a realidade.

O trabalho em cooperação é essencial à vida democrática: a atuação dos alunos na sala ou numa mesa de reuniões, discutindo assuntos de pauta, estabelecendo objetivos, fazendo planos, assumindo responsabilidades ou avaliando resultados é uma iniciação à cidadania inteligente e responsável. Os estudantes aprendem uns com os outros na troca de idéias, ajudam-se mutuamente e interagem em prol de todo o grupo. A ação do grupo é mais eficiente quando todos participam já desde o planejamento. Cada um encontra lugar no projeto do grupo para fazer contribuições de acordo com seus projetos específicos. A atividade oferece oportunidades de relacionamento humano, levando também o aluno a ver no professor um amigo e um orientador interessado no indivíduo como pessoa.

Mais uma vez com Larroyo, podemos sistematizar as etapas que devem ser obedecidas a fim de assegurar o sucesso de uma experiência extraclasse com alunos de Jornalismo: (a) Cada aluno deve estar determinado a trabalhar e compreender a finalidade do exercício; (b) o professor deve elaborar e guiar, junto com os alunos, o plano de trabalho a realizar, bem como os materiais disponíveis; (c) a execução do trabalho planejado, adotam-se procedimentos didáticos particulares – exposição pelo professor, conversação, observação; (d) a autocrítica da obra realizada é essencial.

Segundo Larroyo, o docente deve avaliar as condições do processo didático, quanto a: 1. autonomia – atividade e produção dos alunos; 2. naturalidade – adequação ao educando; 3. economia – esforço não é excessivo, equilíbrio; 4. objetividade – trabalho acomodado à disciplina; 5. vitalidade – trabalho de acordo com a realidade da vida; 6. fertilidade – o produto do trabalho é valioso, a experiência foi proveitosa. Poderá, então, fazer-se as seguintes perguntas: a atividade desenvolveu a autonomia dos alunos? A disciplina se adequou naturalmente aos conhecimentos dos estudantes? Houve economia de esforços, proporcional aos resultados obtidos? O trabalho foi realizado com objetividade e se inseriu nas experiências da turma com relação ao Jornalismo? O produto do exercício frutificará em novos desafios?

Como diz Paulo Freire (2005, p. 22), “a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blablá e a prática, ativismo”. O

educador recorda que “não há docência sem discência” e que “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”.

Concluo também com Freire:

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e a seriedade. (2005, p.24)

## **Bibliografia**

BACKHEUSER, E. **Manual de Pedagogia Moderna**. Rio de Janeiro: Globo, 1954.

FEDLER, F.; BENDER, J.R.; DAVENPORT, L.; DRAGER, M. **Reporting for the Media**. Orlando: Harcourt College, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

GENRO FILHO, A. **O segredo da pirâmide. Para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Ortiz, 1989.

HOHENBERG, John. **Manual de Jornalismo**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1962.

IBARRA PEREZ, O. **Didactica Moderna. El aprendizaje y la enseñanza**. Medir: Aguilar, 1965.

JORGE, T.M. Cronologia da Notícia (de 740 a.C a 2020). ENCONTRO NACIONAL DA REDE ALFREDO DE CARVALHO, 2. **Anais**. Florianópolis, abr. 2004.

LAGE, Nilson. **Estrutura da Notícia**. São Paulo: Ática, 1985.

JORGE, Thaís Mendonça. Por uma Didática da Notícia. Experiência extraclasse na construção de Grande Reportagem. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, Brasília, v.1, n.1, p.63-86, abr./jul. 2007. Disponível em: <http://www.fnpj.org.br/rebej/ojs/viewissue.php?id=6>

LARROYO, F. **Pedagogia de la enseñanza superior**. Naturaleza, métodos, organización. México: Porrúa, 1964.

MEDINA, C. A. **Entrevista. O diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1986.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Ideologia e processo de seleção de notícias. In: MOTTA, L.G. (org.) **Imprensa e poder**. Brasília: EdUnB, 2002.

SOUSA, Jorge Pedro. **As notícias e os seus efeitos**. Coimbra:Minerva,2000.

SOUZA, Pompeu de. A chegada do “lead” ao Brasil. **Revista de Comunicação**, Ano 8, no. 30, nov 1992.

TUCHMAN, G. **La producción de la noticia. Estudio sobre la construcción de la realidad**. Barcelona: G.Gili, 1983.

WOLF, M. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.